



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Cordel e Cotidiano: traços de uma sociedade em versos. Uma análise dos folhetos populares de Cuíca de Santo Amaro (1955-1964)

Sinara Carneiro de Oliveira¹

Resumo: Os folhetos populares em versos são as fontes principais desta pesquisa por acreditar que neles estão contidos poesia, história e ficção, contudo, trazem elementos que revelam sua contemporaneidade, possibilitando leituras do contexto em que estão inseridas. O objetivo deste artigo é discutir como os folhetos populares documentam o cotidiano de um grupo social, assim como, estabelecer um diálogo com os debates em torno da história e da literatura.

Palavras-chave: Folhetos populares – Cotidiano – Política - Sociedade

Os folhetos populares são as fontes principais desta pesquisa, documentam o cotidiano político e social de um determinado grupo, desta forma nos propomos a analisar como as medidas políticas interferiam no modo de vida, no dia-a-dia de um povo, porque o cordelista expressava posições de um grupo social do qual fazia parte, escrevia, lia, desta forma produzia leituras neste e sobre este espaço, desde o preço da carne, a situação do trabalhador tudo o que afligia a este grupo, o fato de escrever e reclamar nestes folhetos é, pois, uma forma de resistência e de acordo com esta proposta se apresenta como “*Cordel e Cotidiano: traços de uma sociedade em versos. Uma análise dos folhetos populares de Cuíca de Santo Amaro (1955-1964)*” o objetivo é analisar como estes folhetos trazem aspectos da sociedade onde foram criados, lidos e disseminados por esse motivo cercamos também seu espaço de criação que é a cidade de Salvador.

Portanto este trabalho se insere no campo da História Cultural, logicamente aberto às possibilidades de conexões com outros campos:

Qualquer objeto historiográfico de estudo clama na verdade por uma certa conexão de campos históricos: um determinado trabalho pode produzir o seu sentido em uma determinada conexão entre a História Cultural, a História Local, e a História Local e um outro trabalho, voltado para uma outra temática e acessado por uma outra abordagem, pode se constituir na conexão entre a História Econômica,

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em História Regional e Local do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus V.

a História Serial e a História de gênero, ou a estes campos históricos pode-se acrescentar também o diálogo com a história política, e assim por diante.(BARROS, 2010, p.219)

Refletindo também sobre a interdisciplinaridade, como já dito o campo que situa este trabalho, o da história cultural, segundo Júlio Aróstegui pode ser considerada atualmente como o resultado mais acabado da influência da teoria crítica da literatura, da semiótica, da antropologia, que realizou pesquisas mais brilhantes sobre o entendimento histórico de questões como a política, os movimentos sociais, a rebelião e outros assuntos através de simbolismos culturais (ARÓSTEGUI, 2006, p. 220)

Levantada às possibilidades de cruzamento de campos devemos dizer que este trabalho envereda pelas abordagens tanto da Cultura Popular como também da História e Literatura.

A intenção do estudo com literatura popular é mesmo de reafirmar a importância do uso de novas fontes, de nossas fontes como o cordel tão comum ao cotidiano baiano.

Para a história, fazendo uma breve observação, são ainda poucos os estudos dedicados a este tipo de fonte. Uma preocupação constante é de não trabalhá-la como algo isolado, as conexões com o cotidiano, com a sociedade onde estão inseridos é forte e principalmente dialógica como provam os jornais, revistas do período que aos cuidados metodológicos são somatórios ao estudo, pois são usados no sentido de dar visibilidade a uma sociedade que sendo contemporânea dividem experiências, vivências, muito perceptíveis em seus variados meios de comunicação.

Cuíca de Santo Amaro é um nome artístico usado por José Gomes², a criação deste nome surgiu pelas suas tantas viagens na juventude a Santo Amaro, cidade de recôncavo baiano. José Gomes é de Salvador, filho de pais separados acabou sendo criado por sua madrinha de batismo, como estudante teve como professores os Frades Capuchinos da Piedade, Cuíca não concluiu seus estudos.

Antes de começar sua vida como escritor e vendedor de folhetos, José Gomes o Cuíca de Santo Amaro teve como fixo apenas dois empregos o primeiro numa tinturaria portuguesa e depois numa Companhia Circular de bondes, após estes trabalhos fixos passou a vender quinquilharias nas feiras, Cuíca passou a revender folhetos da “Pernambucana” que era uma barraca do Mercado Modelo precisava deste trabalho, pois já neste período estava casado com D. Maria do Carmo que conheceu no ano de 1935, suas primeiras vendagens eram exclusividades dos folhetos do paraibano João Martins de Athayde. Depois desta aproximação inicial, o contato com folhetos veio a crescer, começou escrevendo folha volante, versos em

² Os dados biográficos de Cuíca de Santo Amaro disposto neste artigo foram pesquisados em duas das nossas fontes bibliográficas que são os livros *Ele o tal, Cuíca de Santo Amaro* e *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola* de Edilene Matos.

quadra ou sextilha, muito procurada por donos de comércios para fazer propagandas dos produtos.

Cuíca começou a escrever seus primeiros versos e a partir daí saíram muitos folhetos, escreveu sobre Getúlio Vargas e lado a este discurso inicia desde então uma escrita com preocupação em relação aos trabalhadores, todos os governos que se seguem aparecem nos folhetos de Cuíca por isso o intuito de estudar a forma como estava evidenciado esse cotidiano político e social notado por este autor e colocamos o *político e social* porque não dissociava um do outra na forma como escrevia seus folhetos, além claro de passar informações sobre os fatos políticos em si escrevia sempre os reflexos disso para a população, o que melhorava ou piorava suas condições de vida.

Cercamos então os anos de 1955 a 1964, este recorte temporal está diretamente relacionado às fontes, é importante mencionar que para selecionar os folhetos para análise escolhemos um período em que o número destes cordéis e informações fosse suficiente para um estudo, uma dificuldade inicial foi que a maioria dos folhetos não possui data de publicação, a identificação do período foi feita com base no conteúdo dos folhetos que permitiram situá-los, uma das estratégias foi seguir pela constante escrita sobre as ações dos governantes do Brasil, da Bahia e prefeitos de Salvador, assim, neste processo foi percebido uma sequência de folhetos entre os anos de 1955 até 1964, o ano de 1955 quando escreve assiduamente sobre o Governo de Antônio Balbino, o funcionalismo, as mudanças eleitorais, as situações que enfrentava a população local seguindo a partir daí até o ano de 1964 quando o José Gomes, o Cuíca de Santo Amaro falece.

Outra característica importante que responde à escolha deste autor para análise é a sua escrita ímpar, muito destemido Cuíca anunciava e denunciava em seu ponto de trabalho que ficava próximo ao Elevador Lacerda, contava à população através dos seus versos um escândalo ou notícia, a linguagem que utilizava era direta ora bastante irônica, em muitos versos percebemos também uma carga moralista do autor.

Para exemplificar o estilo de Cuíca de Santo Amaro num de seus folhetos intitulado *A discussão da carne verde com o pão escreve:*

A carne em altos brados
Perguntava para o pão
Porque você meu amigo
Deixou o povo na mão
Subindo tanto! Tanto
Depois da eleição

O pão respondeu-lhe
É coisa que me consome
Depois da eleição
Para mancharem o meu nome

Resolveram os tubarões
Matar o povo de fome³

Numa rápida análise, este folheto pretende mostrar que os políticos depois das eleições ignora a população, em um outro folheto *Dívida de funcionário nunca termina* faz crítica ao aumento de preços, os baixos salários e o conseqüente aumento de dívidas:

Até caixão de defunto
Onde vai ser enterrado
Já subiu também de preço
Quando é bem acolchoado
Sobe palma, e capela
Mais não sobe o ordenado.⁴

Seus folhetos também tinham caráter informativo e sendo muito mais acessível que um jornal, o folheto popular em verso se afirmava como “jornal do povo”:

Dada a ausência, na maioria dos casos, de meios alternativos de informação e divertimento, aos autores e poetas cantadores de cordel continuaram a desempenhar papel necessário na vida diária. Só à medida que novas estradas e os veículos de comunicação social principiaram a alcançar o interior, na década de 1950, esse quadro começou a mudar. (SLATER, 1984, p. 26)

Muitas vezes noticiavam acontecimentos, da mesma forma usavam este espaço para reclamar e cobrar, um exemplo é o folheto sobre da posse de Jânio Quadros:

Agora compete ao Jânio
Depois que se elegeu
Se lembrar do nortista
Do povo que sofreu
Jânio deve se lembrar
Daquilo que prometeu⁵

Partindo da discussão do texto literário como documento ou não Beatriz Sarlo argumenta:

Tautologicamente, o texto literário ou artístico é um documento que, por sua existência, prova o caráter não ficcional da crítica ou da história. O texto literário, como já afirmou Starobinski, é também, desta perspectiva, um ponto de resistência para os discursos que se constroem a partir dele; tem algo que, ao mesmo tempo que permite muitíssimas leituras, resiste a outras. (SARLO, p.79)

No caso particular da literatura popular, para o contexto dos anos em análise, o significado do cordel para parte da população menos abastada era de veículo informativo, para os leitores de Cuíca de Santo Amaro, o autor colocava sua escrita como o jornal do povo, e nesta perspectiva o autor escrevera a realidade vivenciada por ser o alvo de interesse de seus leitores, a

³ AMARO, Cuíca de. *A discussão da carne verde com o pão*. S/D.

⁴ AMARO, Cuíca de. *Dívida de funcionário nunca termina*. S/D.

⁵ AMARO, Cuíca de. *A retumbante vitória de Jânio Quadros*. S/D.

dificuldade de aquisição de produtos básicos, de trabalho, por exemplo, são temas recorrentes. E era também neste âmbito que reclamavam e denunciavam suas mazelas, recebiam informações e pelo preço acessível era o “jornal” que podiam ter, a importância informativa do cordel era de certa forma alarmante, num contexto em que parcela da população estava sob sua condição, e sendo representativamente numerosa para muitos políticos era preocupante. Como não dizer que a população não resistia?

No livro *A Bahia de Todos os Santos* de Jorge Amado nota a sábia forma de resistir do povo baiano:

Não há cidade como essa por mais que procure nos caminhos do mundo. Nenhuma com as suas histórias, com o seu lirismo, seu pitoresco, sua funda poesia. No meio da espantosa miséria das classes pobres, mesmo aí nasce a flor da poesia porque a resistência do povo é além de toda a imaginação.(AMADO,1996. p.22)

Como já mencionamos o espaço de criação é a cidade de Salvador para tal problematização nos questionamos sobre a própria noção de espaço, Certou reclama o *espaço* como um “cruzamento de móveis” que distingue de *lugar* que segundo o autor é uma configuração instantânea de posições e implica uma indicação de estabilidade. Dessa forma, resume o espaço como um lugar praticado.

O método que Certou analisa o espaço é através de uma discussão da narrativa, ou seja, não meramente geográfico, territorial, mas como espaço praticado por indivíduos que o fazem através das práticas sociais, são eles que a transformam e produzem sentidos “Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito.” (CERTEAU, 1994, p.202)

Os “Relatos de espaços”, são os relatos enfim, que dão significados “efetuem, portanto, um trabalho incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares” (CERTEAU, 1994, p. 203)

Pensando a relação entre a fonte que são folhetos populares em versos e as práticas sociais que estão nela constituídas de um tempo e espaço, no sentido utilizado por Certeau, os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço. (CERTEAU, 1994,p. 207)

Com retorno ao debate entre História e Literatura Beatriz Sarlo defende que metodologia é de ler a procura de significado, é preciso perceber o que está constituído no texto, buscar sua historicidade, a literatura como fonte proporciona leituras interpretativas, também segundo Sarlo, tudo pode ser lido no texto literário ou na obra artística desde que haja um acordo sobre

o que se entende por tudo. Escreve sobre o universo de leituras que podem estar nela constituído.

As marcas das relações institucionais do campo intelectual; ou a presença de conflitos ideológicos - políticos trasladados a um cenário ficcional; pode-se rastrear as pistas abertas num texto pelos sinais biográficos ou capturar os traços deixados por imagens sociais coletivas nas figurações textuais. (SARLO,p. 81)

São estes sinais que vão se confrontando até constituírem em evidências, em narrativas.

Encontrar a historicidade diluída em um texto, constitutiva de todo um contexto de práticas sociais, é o difícil e sedutor caminho para quem trabalha neste campo da história, o método para trabalhar com história e literatura requer atenção, Pesavento constrói seu texto expondo a narrativa histórica e a literária, lado a lado, dando então validade aos dois discursos, não condiciona a narrativa literária à ser comprovada pela histórica.

Sobre o uso dos dois discursos comenta que a história no propósito da Nova História Cultural substitui conceitualmente a busca pela “veracidade” pela “verossimilhança” argumenta:

Pode-se dizer que o discurso literário, consagradamente tido como o campo preferencial de realização do imaginário, comporta, também, a preocupação da verossimilhança. A ficção não seria, pois, o avesso do real, mas uma outra forma de captá-lo, em que os limites de criação e fantasia são mais amplos que aqueles permitidos ao historiador.(PESAVENTO, 1998, p. 21).

Escreve também enfaticamente sobre a verossimilhança o autor Jacques Leenhardt, o foco do seu estudo é a construção da identidade pessoal e social através da História e da Literatura, sua análise parte em torno das discussões dos caminhos da ficção e historiografia o qual considera diferente seus procedimentos, utilizando da frase de Ricouer “a ficção é uma quase história”, reflete que ambos objetivam escrever sobre a forma como algo aconteceu, estando presente, pois nos dois discursos, ambos contêm efeitos do real. Nota a existência da história e da ficção como uma demanda da sociedade por representações imaginárias.

As novidades, como os indivíduos, não podem com efeito se construir senão através da mediação da construção de formas imaginárias no mundo as quais elas podem se referir. O verossímil é a modalidade intermediária, mediadora, necessária destas construções tanto nas representações visuais como naquelas que se apóiam sobre a linguagem. (LEENHARDT, 1998 p. 43)

Partindo deste ponto, da necessidade social referida, o ator é o leitor, pois ainda segundo Leenhardt, só ele, na sua leitura, faz com que a história e a literatura sejam partes ativas no movimento global da evolução social. (LEENHARDT, 1998, p. 44)

Quem ler? De que forma ler? O papel do leitor e o processo de leitura são significativos para a análise do cordel, primeiro porque o meio onde se disseminava era geralmente entre pessoas analfabetas ou semi-analfabetas, aqueles que sabiam ler, liam para os demais, esses

agrupamentos para leitura coletiva eram freqüentes, esse fato faz do cordel um meio de comunicação que não excluía aqueles que não tinham sabiam ler e demonstra o peso da sua carga informativa, que ia desde escândalos, reclamações, propagandas, relatos políticos, situação da população, entre outros assuntos.

A literatura de cordel passa por uma variedade de temas, cabe aqui como exemplo citar o título de alguns folhetos de Cuíca e Santo Amaro para visualizarmos essa variedade temática: *A discussão do feijão com a carne verde; O prefeito que engoliu o motor; O que dizem da estação rodoviária; Bagunça no pleito eleitoral; O fechamento do jogo do bicho; David Nasser X Brizola, A mulher que comeu a orelha do marido*, entre outros. A variedade temática nos mostra como misturavam realidade e ficção muitas vezes intencionalmente como um artifício para se expressar sua realidade, também para retratar os causos da época.

A leitura é um espaço amplo, imbricado de diferentes sentidos, para Roger Chartier o texto por si não existe porque este só terá um significado se houver um leitor para lhe atribuir, é neste sentido que chama atenção do historiador a perceber as diferentes formas, sentidos e significados que um mesmo texto pode trazer, pois a leitura não é feita de forma igualitária, não é única nem fixa.

A leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos. (CHARTIER, P.13), no seu dia-a-dia Cuíca de Santo Amaro para declamar ao seu público seu próximo folheto vestia-se de fraque e cartola, a vestimenta reforçava a idéia de espetáculo e tinha papel atrativo, além de marcar características e estilo do autor, também compõe uma outra imagem e leitura, conexões entre a escrita (forma de impressão), a leitura (individual ou coletiva) a voz alta recitada em ritmo e por fim a forma como está sendo interpretada, recebida.

No livro *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola* de Edilene Matos comenta sobre o papel da vestimenta de Cuíca para a composição de sua figura:

O traje de Cuíca merece atenção especial, pois foi elemento marcante para seu processo de mitificação pelo imaginário popular. Em Salvador, na Bahia, cidade colorido e luminosa por excelência, as vestimentas de Cuíca davam um tom inusitado, representavam o que de mais picaresco e também mais irônico e corrosivo a personagem procurava oferecer em oposição ao burguês bem-nascido e bem vestido, cujas mazelas o poeta exibia nas vitrines de seus folhetos. (MATOS, 2004, p.31)

É perceptível em muitos folhetos que estes cordelistas tinham noção da sua importância enquanto comunicador, não raro classificavam seus folhetos como jornal do povo, neste momento é importante exemplificar com as próprias fontes, no folheto já citado *A retumbante vitória de Jânio Quadros* anuncia:

Disto eu tinha certeza

E plena convicção
Expliquei ao povo
Deste sagrado torrão
Porque o Jânio seria
Presidente da nação⁶

O verso que diz “expliquei ao povo” mostra como o próprio autor tinha consciência do seu papel de formador de opiniões, da dependência do povo das suas explicações, pois era comum esse compartilhar de leituras diante de uma população composta em sua maioria de analfabetos ou semi-analfabetos, o cordel desempenhava neste período importante papel informativo principalmente por ter características das leituras coletivas.

O ouvinte participava diretamente, dava sentido a escrita, é esta multiplicidade de linguagens que Gilmário Moreira Brito observa pois nestes folhetos estão constituídos de escrita, oralidade, gestualidade, iconografia, letra, mostrando a complexidade de trabalho com folhetos populares em versos, sobre a participação do ouvinte escreve:

Essa literatura de folhetos produzida por uma linguagem poética impressa em versos de expressões que, em grande medida vêm da oralidade, para além da leitura individual, aspira, principalmente, ser ouvida a partir de leituras feitas em voz alta, por um leitor que além da recitação/declamação, se utiliza do corpo em gestos e performances para audiência de pequenos grupos. Esses recursos performáticos têm o propósito de instigar o ouvinte a participar da interpretação, possibilitando-lhe a re-elaboração do narrado. (GILMÁRIO, 2009, p. 41)

Para este estudo que se pretende a partir de uma literatura para captar a sua historicidade não foge ao debate entre história e ficção o pensamento de Krzysztof Pomian nos norteia a problematizar as fontes e acreditá-las como registro de um tempo, pois revelam a sua contemporaneidade:

Apenas uma ficção pura pode permanecer fechada em si mesma. Mas uma ficção pura não tem nenhuma localização espacial e temporal; ela cria, antes, um espaço e um tempo que lhe são próprios e os preenche com objetos e seres que, por princípio não se assemelham a nada. Entretanto a partir do momento em que ela aspira se inscrever na realidade, ela só pode escolher uma das modalidades acessíveis ao conhecimento à nossa disposição. (POMAIN, 2003, p. 18)

Por fim, concordando com Pomain mesmo a ficção traz em si alguma referência do momento e/ou circunstâncias em que foram escritos, o folheto popular está constituído de ficção mesclado com relatos cotidianos, contudo eles revelam a contemporaneidade o espaço e

⁶AMARO, Cuíca. *A retumbante vitória de Jânio Quadros*. S/D.

práticas sociais que estavam envolvidos, é dessa forma que estamos desenvolvendo esta pesquisa no intuito de buscar a historicidade nestes folhetos.

Referências Bibliográficas:

AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*. -40ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 1996.

ARÓSTEGUI, Júlio. *A crise da historiografia e as perspectivas na virada do século*. IN: ARÓSTEGUI, Júlio. *A pesquisa histórica – teoria e método*. São Paulo: EDUSC, 2006.

BARROS, José D'Assunção. *“O lugar da história local na expansão dos campos históricos”* In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. (Org.) *História Regional e Local: Discussões e Práticas*. Salvador: Quarteto, 2010

BRITO, Gilmário Moreira. *Culturas e linguagens em folhetos religiosos no Nordeste: inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade*. –São Paulo: Annablume, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. (Cap. IX. “Relatos de espaço.”)

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priore – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª Ed., 1998.

LEENHARDT, Jacques. *A construção da identidade pessoal e social através da história e da literatura*. IN: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.) *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1998.

LEMAIRE, Ria. *Discursos Históricos e narrativa literária: cruzamentos e encontros intrigantes*. IN: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.) *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1998.

MATTOS, Edilene. *Ele, o tal, Cuíca de Santo Amaro*, 2 ed. Ver. E amp. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, EGBA, 1998.

MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*. Rio de Janeiro: Manati, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Contribuição da História e da Literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional*. IN: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1998.

POMIAN, Krzysztof. História e ficção. IN: *Projeto História – Interpretando práticas de leitura*. N. 26. São Paulo. EDUC, Junho/2003.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, artes e meios de comunicação*. São Paulo: Edusp.

SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

